

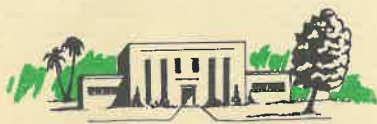


Factos e Números

Acerca dos Adventistas do Sétimo Dia



MEMBROS . . . 924.822.



INSTITUIÇÕES . . . 550 hospitais, escolas, casas publicadoras e sanatórios disseminados por 197 países.



MÉDICOS MISSIONÁRIOS . . . 380 médicos e 2.347 enfermeiras adventistas trabalham abnegadamente em favor das populações mais atrasadas.



«EM VERDADE vos digo que, quando o fizestes a um destes Meus pequeninos irmãos, a Mim o fizestes.»

S. Mateus 25:40.



DOENTES TRATADOS . . . Para cima de 2.000.000 de homens, mulheres e crianças recebem auxílio nos 181 hospitais e clínicas distribuídos por todo o Mundo.



MISSÕES ULTRAMARINAS . . . 24.374 missionários e pregadores indígenas constituem o ministério adventista, no ultramar.



ATIVIDADES DE BENEFICÊNCIA . . . Mais de 3.500.000 peças de roupa e perto de 2.000.000 de pacotes de géneros alimentícios são dados cada ano aos necessitados através do correio ou de visitas pessoais pelas Sociedades de Beneficência adventistas.



FUNDOS DE BENEFICÊNCIA . . . Além do dinheiro dado para manter os serviços regulares da igreja, no último ano os adventistas auxiliaram 4.358.000 pessoas com 316.000.000\$00.

A POPULAÇÃO INDÍGENA DE ANGOLA CARECE DO NOSSO AUXÍLIO

A população de Angola, dada a extensão do seu território, é bem escassa. São pouco mais de cinco milhões de habitantes, divididos em muitas tribos e falando línguas diversas, num território onde podem

lheres, crianças, adultos e velhos que Portugal tem de proteger constantemente, directa e indirectamente, contra não poucos e terríveis males.

Se tomarmos em conta as incomensuráveis possibi-



ANGOLA — Missão do Lucusse



ANGOLA — Trabalhadores da oficina de carpintaria duma missão

estender-se à vontade, na mesma escala, as representações geográficas de Portugal e de Espanha, da França, Bélgica, Suíça e Holanda.

São estes cinco milhões de indígenas, homens e mu-

lidades deste País — as imensas riquezas do seu solo, a benignidade do seu clima, os variados aspectos do seu território, os seus importantes portos, as suas redes de



ANGOLA — Filhos de missionários junto da bandeira nacional

SUPLEMENTO MISSIONÁRIO DA REVISTA ADVENTISTA

DIRECTOR E EDITOR: ERNESTO FERREIRA
ADMINISTRADOR: PEDRO B. RIBEIRO

★

PROPRIETÁRIO: UNIÃO PORTUGUESA
DOS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA

★

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
RUA JOAQUIM BONIFÁCIO, 17
LISBOA

★

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:

TIP. GOMES & RODRIGUES, LDA.
32, RUA DAS PICOAS, 34 — LISBOA

Preço deste número: Esc. 5\$00

comunicação — bem poderemos afirmar que Angola é a região por excelência em toda a África tropical.

Não obstante tudo isso, a população indígena de Angola vive ainda em condições bem primitivas e num estado de atraso deveras confrangedor.

A nossa acção civilizadora e missionária, onde ela actua, transforma e melhora, consideravelmente, essas atrasadas condições de vida, e eleva, em bem curto espaço de tempo, o nível da vida familiar, social, moral e espiritual do indígena.



ANGOLA — Nova escola da Missão do Cuaute

É ver a aldeia cristã, edificada sob plano urbanístico, com as casinhas limpas e alinhadas; as árvores de fruto plantadas em simetria, e as próprias flores, cuidadas, embelezando a entrada das casas, deixando uma agradável impressão a quem por ali passe.

Não falta, em lugar escolhido, a igrejinha, que também serve de escola, onde todos vão, diariamente, receber os ensinamentos do Evangelho de Jesus, seguin-



ANGOLA — Missão da Luz
Um aluno nos trabalhos profissionais

Foto V. Chaves

do-se-lhe o programa escolar que é preciso satisfazer a fim de passar no exame, e, assim, tornarem-se aqueles filhos da selva, em bons cidadãos e bons filhos de Deus.

Como são diferentes as coisas nas aldeias pagãs! Ali reina a promiscuidade de toda a espécie. Os animais imundos partilham os aposentos dos seus donos. As crianças, nuas e de aspecto repelente pela imunidade e doença. O dia é passado na indolência absoluta e não há o mínimo desejo de modificar este viver miserável.

Por índole, o preto é inimigo do trabalho. Que a lavra dê apenas o suficiente para não morrer de fome, e isso lhe basta.

A medida que a população branca vai aumentando em Angola, e que o aproveitamento do preto, como instrumento de trabalho, se vai fazendo em maior es-



ANGOLA — Mulher quioca levando o filho

cala, a população indígena vai fornecendo profissionais da lavoura, dos transportes, das artes e ofícios, e muitos são já os que se dedicam ao comércio e à indústria, criação de gado, procurando, enfim, melhorar as suas condições de vida primitiva.

É nesta transformação que desempenha papel importante a instrução e acção missionária. É preciso abandonar hábitos primitivos e adquirir outros, criar amor pelo trabalho, nível de vida mais elevado, aspirar, enfim, a ser alguém, isto é — civilizado.

Muito tem feito o Governo da Província promovendo o melhoramento das condições de vida dos indígenas, criando uma série de medidas todas elas em vista do aperfeiçoamento das aptidões e possibilidades naturais dos nativos e, duma maneira geral, cuidando da sua instrução e do seu progresso.

Cabe a nós, como portugueses e como cristãos,

colaborar com as autoridades, por todos os meios ao nosso alcance, a fim de continuar a obra encetada, não desanimando diante das dificuldades de qualquer espécie que possamos encontrar no caminho.



ANGOLA — Içar da bandeira numa missão do interior

Foto V. Chaves

A rede das missões adventistas, cujos resultados estão bem patentes em toda esta vasta Província, está prestando uma leal e útil colaboração às autoridades a fim de alcançar aqueles objectivos.

As missões adventistas não recebem qualquer auxí-



Reduzindo a mandioca a farinha

Foto V. Chaves

lio pecuniário da parte do Governo ou de qualquer Departamento do Estado. Por isso mesmo, o seu magnífico trabalho, repartido nas múltiplas actividades da evangelização e cristianização, instrução e assistência médica, bem merece ser auxiliado por todos quantos amam a redenção do género humano e, sobretudo, quando esse género humano é formado por irmãos nossos, embora de outra raça e cor, mas também portugueses os quais à mãe Pátria incumbe proteger e salvar.

O nosso primeiro objectivo é conseguir a colaboração das populações indígenas das nossas Províncias ultramarinas, e enquadrá-las na nossa civilização por meio de uma acção missionária absolutamente desinteressada, quanto aos bens deste Mundo, e somente no interesse da salvação das almas por Cristo.

Por isso mesmo estamos levando a cabo esse magnífico esforço, e tão dispendioso ele é, com elementos portugueses em todas as nossas missões, escolas, hospitais e outras instituições, onde tantos missionários de



ANGOLA — Edifício escolar da Missão da Luz

Portugal estão gastando o melhor da sua saúde e da sua vida ao serviço da Nação que tanto desejam engrandecer e honrar.

É para uma tal obra, prezados leitores e amigos, que continuamos a solicitar o vosso generoso auxílio, dando-vos a certeza de que o não fareis em vão e que o Céu vos dará a recompensa devida.

MANUEL LOURINHO

Director-geral das Missões Adventistas de Angola

EMISSIONES RELIGIOSAS

Não perca a oportunidade de ouvir interessantes palestras religiosas, acompanhadas de belos hinos, em português, todos os domingos, às 22.15, através do Posto Rádio-Magreb, de Tânger, na onda média de 321 metros.

A Missão do Lucusse, desde há alguns anos para cá, entrou numa nova fase de vida. Duma pequena Missão com três catequese, se transformou num Campo Missionário que compreende as regiões do Alto Zambeze, Sul da linha do Caminho de Ferro de Benguela, em direcção ao rio Lungué-Bungo e Bundas, onde se encontra a Vila de Gago Coutinho, a duzentos quilómetros além daquele rio.

Nestas terras as populações indígenas encontram-se em pequenos aldeamentos formados de poucas habitações e afastados uns dos outros por alguns quilómetros de distância. Por vezes, estes aldeamentos são compostos de meia dúzia de cubatas, as quais são habitadas por um único homem e suas mulheres. Há muito poucas crianças; constituindo, até, motivo de grande regozijo o nascimento de algum bebé, tal é a raridade. A chegada do novo bebé é festejada por toda a aldeia, vindo parentes de longe com dádivas para o recém-nascido. É interessante reparar, quando em grupos as mulheres estão sentadas. As que não têm filhinhos pequenos, vão sucessivamente tomando no seu colo a criancinha que a mãe «emprestou» a uma delas; e, assim, se vão contentando por uns instantes acariciando a linda bonequinha ou bonequinho que a todos sorri na sua bela expressão infantil.

O clima, com a aproximação das chuvas, é de um



Oferta para a Escola Sabatina

Foto V. Chaves

enxadas para afugentarem tão terríveis feras que, roçando as cubatas, rugem atrozamente. Os nossos catequistas, os nossos heróis, tudo isto também sofrem compartilhando da sorte daqueles a quem desejam

A mensagem chega aos Bundas

Além Lungué-Bungo



Depois dos estudos concluídos, segue-se o casamento

calor quase insuportável. As areias escaldam os pés; não se sente, neste momento, a mais leve briza. Pela janela, olhamos para a mata que nos cerca. Tudo é silêncio. Todavia, ali passeia a onça e espreita o leão!

Durante este ano temos ouvido as notícias mais aterradoras. Bandos de leões têm infestado as povoações indígenas destas regiões, matando gado e devorando pessoas. O número de vítimas humanas é assustadoramente elevado. O povo passa as noites nas aldeias, a maior parte das vezes, gritando dentro de suas frágeis habitações e batendo com ferros de machados em

mostrar o caminho da Salvação. A existência do catequista é deveras heróica! Isolado neste sertão, que não é o lugar onde nasceu, nem onde tem os seus pais e outros queridos e amigos, deixa a mulher, que é da sua tribo, e seus filhinhos; e penosamente caminha



Pregando nas aldeias

Foto V. Chaves



Tipografia adventista em Washington, D. C.

pelos areais e florestas em horas de maior calor para dar um estudo bíblico a um pequeno grupo de ouvintes ou dirigir um culto numa escola ramificada a dez quilômetros, ou mais, da sua escola. Estes bons catequistas (bem como pastores zelosos) cooperam com o missionário em grandiosa e árdua tarefa. Tarefa grandiosa, sim, de levar a estas gentes do interior de África a Palavra de Deus, perene de esperança e consoladora.

A acção do obreiro nativo é religiosa e educativa. Ele é o professor e evangelista devotado à mesma Causa comum a que todos, desde há muitos anos, dedicamos as nossas vidas: a salvação das almas. Metade do dia, o catequista a consagra ao ensino das primeiras letras, do português e da aritmética. O ensino da Bíblia do mesmo modo pertence ao programa escolar seguido. Na outra parte do dia, com a mulher dedica-se às fainas agrícolas, com cujo produto ocorre às suas maiores despesas: imposto indígena, etc. No tempo que lhe sobra faz trabalho de evangelismo com estudos individuais e outros. De manhã muito cedo, pouco depois do nascer do Sol, reúne-se com o seu povo para a vigília matinal. Aos sábados realiza a Escola Sabatina e celebra o culto. Organiza e dirige as actividades dos «Missionários Voluntários», que muito concorrem para o sucesso da sua obra. E, nas noites de calma e paz, quando a escuridão não oculta nenhum perigo, em volta de bela e grande fogueira se entoam hinos de louvor a Deus e se escutam experiências encorajadoras...



Uma igreja adventista no Peru

A quarenta quilómetros ao Sul da nossa Missão do Lucusse, corre nas suas águas turvas o caudaloso Lungué-Bungo, a caminho do rio Zambeze. A princípio, aquele curso de água afigurava-se-nos como uma barreira intransponível, a qual nos não permitiria chegar a um dos termos do nosso Campo. Contudo, a dificuldade consistia na falta de obreiros. Com novos elementos cedidos de outro Campo, foi-nos possível transpor o grande afluente angolano e alcançar a região dos Bundas com o facho bem aceso do Evangelho. Naquelas novas terras, três catequistas iniciaram a sua acção entre tribos diversas que se congregaram e irmanaram — Bundas, Quiocos, Luenas, Luchazes, etc. Os nossos bravos obreiros estão animados com os primeiros resultados obtidos durante os seus iniciais seis meses de labor, o que nos dá as melhores esperanças duma expansão nunca prevista. Temos visitado aquele trabalho e estamos decididos a abrir, dentro em breve, mais cinco novas catequese ali. Duzentos e quarenta qui-



Aguardando socorro . . .

lómetros separam a Missão das primeiras aldeias de Gago Coutinho, sede dos Bundas; porém, frequentemente estamos em contacto directo ou por meio do pastor nativo, com aqueles obreiros para os encorajar e apoiar. As nossas catequese são bem conhecidas por toda a Província. As autoridades administrativas têm-nas em grande consideração, não fazendo a obra dos Bundas excepção a esta regra.

Sobas de outras terras nos procuram com pedidos de abriremos catequese nas suas áreas. Mas «a seara é grande e os ceifeiros são poucos...»

VITORINO CHAVES

Director da Missão do Lucusse — Moçico, Angola



Leproso, hoje completamente curado graças à Colónia de Leprosos de Malamulo



A chaga dum pobre sofredor

Eu vi-os queimarem seus ídolos



Concentração

Foto V. Chaves



A saída duma reunião

Foto A. C. Lopes

A nossa viagem foi longa mas finalmente chegámos ao nosso primeiro acampamento, em pleno mato. E por estas paragens devíamos permanecer durante alguns dias, morando numa pequena casa de capim. Tudo era modesto, de aspecto rude, mas essa deveria ser a nossa habitação durante a nossa estadia ali.

Assim que o carro chegou, mal havíamos descido e já uma multidão de mulheres, homens e crianças se aglomerava à nossa volta, para saudarem os missionários. Em seus rostos estampava-se o sorriso acolhedor e franco, característico dos nativos desta boa terra. — «Moyo-Moyo» — Boas-vindas, Boas-vindas — era o grito geral. Foi assim que teve início a campanha por nós realizada este ano.

Tudo estava em ordem, a aldeia limpa, a casa do missionário arrumada, havia água, lenha, enfim, tudo pronto para nos receber o melhor possível. Depois de acomodar-nos e colocado tudo em ordem dentro da nossa pequena habitação que nos haviam destinado, passámos imediatamente à tarefa de resolver alguns problemas locais e organizar o trabalho para aquela noite. Lá fora, o fogareiro trabalhava e a minha esposa preparava a primeira refeição daquele dia.

À noite efectuámos a primeira reunião à luz duma grande fogueira. A noite estava fria, mas o calor do lume tornava a temperatura mais agradável. O povo

(Continua na página 10)



Transporte gratuito

Foto V. Chaves



O missionário é também enfermeiro

Foto M. Castro



Cristo voltará a reinará

«Porque se amotinam as gentes, e os povos imaginam coisas vãs?» (Salmos 2:1). Eis uma pergunta de verdadeira actualidade. Durante três mil anos aproximadamente, já decorridos desde que o profeta e rei David a escreveu, quantos terão sido os grandes da Terra que se terão detido a encontrar para ela uma resposta adequada? O apóstolo S. Pedro deu, para os seus dias, a resposta que, até hoje, ainda não pôde ser contraditada: «... Verdadeiramente contra o Teu Santo Filho Jesus ... se ajuntaram, não só Herodes, mas Pôncio Pilatos, com os gentios...»

A grande vítima de todo o motim, de todo o ódio e vã imaginação, naquele período da história do Mundo, era o Filho de Deus. Como, porém, as «imaginações eram vãs» na expressão do profeta, o plano que parecia ter alcançado pleno êxito, gorou-se ao fim de três

CRI VOLTARÁ

dias, para vergonha e confusão de homens e demónios, com a vitória sobre a morte e a sepultura, d'Aquele de quem o mesmo profeta David falava que se riria deles.

A luta, porém, continuaria e sempre mais acesa, à medida que se fossem aproximando os fins dos séculos. O Mundo hoje assemelha-se a um mar revolto; tudo está em efervescência. De uma parte, os povos agitam-se em tumulto, de outra os governantes perturbam-se e «desmaiam de terror na expectação das coisas...» (S. Lucas 21:26). Todas as forças humanas entram em jogo, simultaneamente: o número, a coesão, o prestígio, a inteligência. Uma colisão desse género se formou, no tempo de Jesus, entre inimigos outrora irredutíveis: Fariseus e Saduceus, Judeus e Romanos, Herodes e Pôncio Pilatos. Os primeiros cristãos viram nos acontecimentos do seu tempo o cumprimento da profecia já em parte citada.

Hoje, qual é o objectivo dos revoltados? Eles mesmos respondem: «Rompamos as suas ataduras, e sacudamos de nós as suas cordas» (Salmos 2:3). «Não queremos que Pai e Filho reinem sobre nós». Não querendo respeitar o Deus de seus pais, honrariam em seu lugar ao deus das fortalezas, segundo a expressão do profeta Daniel.

Um senador americano, depois de citar alguns dos mais sérios e perigosos problemas do nosso tempo, entre eles as bombas atômicas e de hidrogénio, disse: «Verdadeiramente o Mundo parece estar a mobilizar-se para a grande batalha do Armagedon. Agora chegou o ponto crítico da milenar guerra entre Deus e o diabo, por causa das almas dos homens.» («Time», Março de 1954).

Foi pelas almas dos homens que Jesus deu a vida, é isso que se pretende arrebatar-Lhe! O apóstolo S. João, registou as próprias palavras de Jesus, que resumem toda a Sua obra e sintetizam toda a história do Mundo: «De tal maneira amou Deus o Mundo, que lhe deu Seu Filho Unigénito, para que todo aquele que n'Ele crê não pereça, mas tenha a vida eterna.» (S. João 3:16).

Mas, por quanto tempo durará ainda este milenar drama, no qual cada habitante do Mundo desempenha o seu papel? Qual será o seu epílogo?

Nesta época atômica, viremos nós a estar sujeitos a «estios sem sol, a cataclismos permanentes, a crianças monstruosas ou estéreis»? Ou, para nos referirmos a certa revista científica dos fins do ano de 1954: «Preparar-se-ão os aprendizes de feiticeiro para fazerem estoirar o planeta pelas forças que puseram à solta e que são incapazes de controlar?» Ou, por outro lado, estará reservado ao nosso Mundo um futuro melhor, radiante da luz da vida, aquecido pelo eterno amor de Deus?

STO REINARÁ

A pergunta torna-se mais íntima ainda, prezado leitor: Como poderá em meu próprio coração, ser de vez decidido, com a vitória do bem, esse conflito entre o egoísmo e o amor?

Que diz a Escritura Sagrada? Que tem Deus a ensinar-nos sobre questão de tão vasto alcance para toda a alma?

Perguntas como estas, defrontam-se de todos os lados. Surgem insistentes das profundezas do nosso coração e exigem resposta definida.

Certamente o Deus que criou em nós esse anseio duma vida melhor, esse desejo de verdade, não nos privará da resposta a tão importantes perguntas, pois «o Senhor Jeová não fará coisa alguma sem ter revelado o Seu segredo aos Seus servos, os profetas». (Amós 3:7).

O sempiterno desígnio de Deus, relativamente a este planeta, acha-se claramente revelado no Grande Livro. Este inicia com um mundo novo: «No princípio criou Deus os Céus e a Terra». E é de seu final a expressão semelhante: «Vi um novo Céu e uma nova Terra».

Uma nova Terra e o estabelecimento do Reino de Cristo, ao qual milhões de cristãos diariamente se referem — «venha o Vosso Reino» —, são termos correlativos.



Criança coreana examinada por um médico adventista

Que pensas tu, prezado leitor, desse acontecimento? Desejas tu que ele se realize como a esperança máxima do teu coração, ou apenas te referes a ele de manhã e à noite na repetição do «Pai Nosso», porque foi um hábito que te ficou desde os joelhos de tua Mãe?

Tenho diante de mim um livro escrito por uma fervorosa católica, dedicado, todo ele, a esse acontecimento, o da Volta de Jesus, «Celui qui Revient». As páginas 31 e 32, extrairéi alguns parágrafos: «Falei a alguns amigos» diz a autora, «do poder que nos comunica a *esperança* viva da Volta de Jesus; e, um dia, mais audaciosa, perguntei a um sacerdote: credes vós na Volta do Senhor Jesus?»

«Um sorriso um pouco zombeteiro, um pouco irónico, um tanto céptico, foi toda a resposta.

— «Mas, Sr. Cura, vós ledes pela Ascensão, cuja festa está próxima: 'Ele voltará, da mesma maneira que O vistes ir para o Céu'».

— «O que lhe pode importar que Ele volte? retorquiu o venerando eclesiástico, a Sr.^a não estará lá presente!»

— «O que é que isso me importa!... mas essa é toda a minha esperança, a *bem-aventurada esperança* de que fala S. Paulo. «Já o apóstolo Pedro evocava esses «zombadores» que diriam: 'Onde está a promessa da Sua Vinda?'». Ora Sr. Curá, não vos parece que os Patriarcas *souberam esperar sem ver*; foi mesmo por isso que eles receberam «o efeito da promessa, apegados à primeira vinda de Nosso Senhor». «Lendo assiduamente o Evangelho e as Epístolas, somos obrigados a crer nessa Volta de Cristo, a esperar o Seu Reino!»...

— «Eu também, eu também espero ...», replicou o padre, mas não temos tempo de pensar nisso! ... estamos demasiado ocupados a provar primeiro a existência de Deus».

A mesma autora cita uma obra munida do «imprimatur», na qual se pode ler: «A Parusia (Volta de Cristo), preocupou muito, é verdade, os primeiros cristãos, mas há já muito tempo que nós não O esperamos mais». (Abade Girodon, «Commentaire sur l'Evangile selon saint Luc», pág. 354).

Uma das verdades mais solenes e não obstante mais gloriosas, reveladas na Escritura Sagrada, é a da Segunda Vinda de Cristo para completar a grande obra da redenção. Por isso S. Paulo nos incita a apressar com nossos rogos esse dia, por meio destas palavras que são um adeus, ou melhor, um até breve: «Nada me resta senão aguardar a coroa de justiça que me está reservada e que o Senhor Justo Juiz me dará *naquele dia*, e não somente a mim, mas a todos os que amarem a Sua Vinda». (II Tim. 4:8).

Crer na Volta de Cristo, preparar-se para ela, ansiosamente orar por ela, não será essa a atitude normal que convém ao cristão? Diríamos mesmo que é sinal de eleição. «Amados», diz S. João, «agora somos filhos de Deus, e ainda não é manifestado o que havemos de ser. Mas sabemos que quando Ele se *manifestar*, seremos semelhantes a Ele; porque assim como é O veremos». (I S. João 3:2).

Seria impossível conceber uma Igreja Apostólica, que esteve com Cristo no Monte da Transfiguração, no Cenáculo, no Monte das Oliveiras, ou debruçada hoje

(Continua na página 15)

Eu vi-os queimarem seus ídolos

(Continuação da página 7)

vinha chegando aos grupos. Homens, mulheres e crianças não escondiam o seu contentamento e ansiedade por ouvirem o que o Missionário tinha para lhes contar. Cantámos alguns hinos, e, depois da oração feita pelo pastor nativo Isaías Gonçalves, apresentámos uma mensagem àquele povo sequioso da palavra de Deus. Eram 21 horas quando abandonámos o local da reunião para repousarmos naquela noite. O povo dispersava fazendo comentários favoráveis acerca do que haviam ouvido.

No dia seguinte, cumprindo o plano traçado, partimos em visita à escola de Comanhangala, distante dali vinte quilómetros e situada em local inacessível ao nosso carro. Vimo-nos, pois, forçados a cobrir esta distância em bicicleta. Durante o percurso vimos dezenas de pequenas aldeias onde vivem centenas de almas desconhecedoras do poder salvador de Jesus. E à nossa mente surge a pergunta: «Quando será esta gente evangelizada?» Poucos são os Obreiros e extensa a seara.

Chegados à escola, lá encontrámos o nosso mestre nativo Novais Monsaque com sua jovem esposa, em sua pequena choupana. Estavam alegres e revelavam toda a felicidade concedida pelo seu recente casamento. Durante o dia fomos visitar as aldeias circunvizinhas e reunir o povo para com ele estudarmos a Palavra de Deus. Foi ali que tive a oportunidade de ver pela primeira vez uma festa ritual e simbólica, a qual era dedicada ao «espírito» do século — nome aplicado ao velho fundador da aldeia — que havia falecido há algum tempo. Mulheres e crianças traziam os olhos pintados de branco, e à volta da cintura pendiam tiras de pano novo; nas mãos uma pequena enxada orna-



Um bom sorriso



Duas crianças coreanas

mentada igualmente com umas tiras de pano. Dançavam entusiasticamente ao som do tam-tam. Os homens, embriagados com «cachipembe» — bebida forte feita por eles — volteiam em seus bailados e de quando em vez fazem soar tiros de pólvora seca com suas armas, para dar maior realce à festa. Havia ali uma pequena tenda feita de cobertores novos, onde o «chingange» deveria sentar-se. O chingange é uma espécie de médium e feiticeiro, e que neste caso ia tentar transmitir ao povo uma mensagem proveniente do «espírito do século» falecido. Dentro de momentos ouvimos gritos numa algazarra mista de alegria e temor. — «Lá vem ele, lá vem ele» — era o grito geral. Realmente pudemos divisar ao longe a figura dum mascarado, qual fantasma, dirigindo-se para a tenda. Era o «muquixe» — representante do chingange — que, sendo o «espírito» representativo do «espírito maior», vinha para aplinar o caminho e endireitar-se para a tenda. Tudo seguiu o seu ritual, e algum tempo decorrido surgiu então o «espírito maior» — o chingange. Este vinha vestido de malha, justa ao corpo, e feita de fibras de raízes de árvores; em sua cabeça uma máscara e um capacete horrendo davam-lhe um aspecto macabro; o corpo vinha pintado em cores berrantes; e os pulos e gestos que faz são verdadeiramente diabólicos; tudo isto leva o povo a gritar trémulo de medo diante deste «senhor dos espíritos». Lá vinha com uma mensagem diabólica. Aos seus pés depositaram uma cabra e uma galinha que deveriam ser degoladas e seu sangue espargido e oferecido aos «espíritos» para lhes aplacar

ira contra o povo. Pobre gente, escravos de seus vícios e superstições, precisando ser libertada das cadeias de Satanás. E presenciando este estranho espectáculo sentimos uma grande compaixão por eles, e decidimos ajudá-los a encontrar Jesus, seu libertador, seu melhor amigo.

Devíamos prosseguir com o nosso trabalho, pois havia mais campanhas a realizar noutras aldeias.

Tudo de novo arrumado reiniciámos a viagem, deixando após nós muita gente a saudar-nos amigavelmente.

Em Teixeira de Sousa, cidade limite com o Congo Belga, aguardava-nos o pastor nativo Jeremias, da Missão da Luz, que prontamente nos levou ao lugar onde devia realizar-se a campanha.

De novo instalámo-nos numa pequena cabana e iniciámos as visitas ao povo. Pudemos notar que em cada casa havia um altar construído aos deuses de pau e de barro. O nome do Senhor dos Exércitos era ali desconhecido. O vício, o pecado, a superstição traziam presa em suas garras toda aquela gente. Alguma coisa devia ser feita em prol deste povo.

A noite tivemos uma reunião à volta duma fogueira. Abri a Palavra de Deus, que, como espada de dois gumes, penetrou fundo em seus corações. Operou-se grande transformação naquelas almas que se renderam a Cristo. Deveriam agora testemunhar sua renúncia queimando os seus ídolos; optar entre o abandono de seus deuses queimando-os e entregando as suas vidas a Jesus, ou continuarem escravos de Satanás. Um apelo foi feito, e no último sábado que ali passámos, foi com regozijo que os vi trazerem os seus ídolos e objectos



São servidos?

Foto V. Chaves



Eunice e Rodrigues, dois amiguinhos inseparáveis
Foto V. Chaves

de vício e feitiçaria para serem lançados às chamas. Não foi fácil para alguns desfazerem-se de tudo aquilo em que depositavam toda a sua esperança. Pude ver uma pobre mulher que por três vezes foi a sua casa a fim de trazer os seus ídolos. Dois poderes trabalhavam em seu coração: o poder do bem e o do mal. Mas graças a Deus que o Espírito do Senhor saiu vitorioso e os ídolos foram queimados. Antes de atearmos o fogo, li o Salmo 115:1-10 e disse-lhes: — Os vossos deuses têm boca, e nós queríamos ouvi-los gritar quando comessem a arder. Escutai.

O fogo começou a sua obra destruidora e as labaredas elevavam-se rapidamente.

— Como vêem — prossegui —, eles nada dizem, têm boca mas não falam. Portanto, como podeis confiar em deuses que são incapazes de se libertar do fogo?

Grande é o poder de Deus que está transformando vidas, modificando caracteres, e que de homens escravos do pecado faz herdeiros do eterno lar.

O nosso esforço foi coroado pelo regozijo que sentimos de poder baptizar 123 almas este ano.

Louvado seja o Senhor nosso Deus pelo que podemos fazer em Seu nome.

MANUEL DE CASTRO

VISADO PELA COMISSÃO
DE CENSURA



Igreja duma missão do interior

Foto V. Chaves

A OBRA ADVENTISTA EM MOÇAMBIQUE



Actividades escolares

Foto V. Chaves

A abertura da escola de Mungulúni, em 1940, não foi tarefa fácil, mas o resultado de longas negociações, de muitos jejuns e de muitas orações. Quando, finalmente, foi autorizado o seu funcionamento, a escola encheu-se de rapazes e raparigas radiantes pela feliz oportunidade de aprenderem a ler e a escrever.

Sendo a única escola adventista autorizada a leccionar em Moçambique, recai sobre Mungulúni o privilégio da preparação dos obreiros actualmente em serviço foram treinados em Mungulúni. Essa tarefa tem estado a cargo, nestes últimos anos, do Professor S. J. Graça, coadjuvado pelo Pastor Artur e mestres Guilherme e Jorge que, incansável e dedicadamente, têm procurado desbravar as mentes incultas e orientá-las para uma vida mais nobre e mais feliz. E, embora o trabalho destes professores tenha sido árduo e ingrato, eles têm, contudo, a alegria de ver os seus esforços recompensados nas centenas de almas ganhas para Cristo por intermédio dos alunos que tiveram o privilégio de conduzir durante a sua vida escolar e que hoje estão trabalhando, diligentemente, na grande seara do Mestre.

Funcionam dois cursos na escola de Mungulúni: o primário rudimentar, com programas e exames oficiais, e o de catequistas, com programas próprios, destinados a satisfazer as necessidades da obra. Para se poder avaliar a importância da escola e a eficiência do ensino ministrado, direi que as matrículas do ano findo foram de cento e sessenta alunos e que todos os alunos submetidos a exames oficiais ficaram aprovados.

Como elemento de evangelização entre os nativos, a escola ocupa lugar de importância real. Não é de crer que a grande maioria dos garotos que enchem as nossas escolas as tenham procurado com o único propósito de obter a fé e de se fazerem cristãos. Da parte da criança haverá a curiosidade natural e o desejo de aprender a ler e escrever para imitar os que sabem fazê-lo; da parte dos pais a perspectiva dum futuro melhor por meio de empregos mais rendosos que os conhecimentos adquiridos na escola lhe poderão facultar. Mas a fé virá pelo ouvir e o ouvir pela Palavra de Deus, durante o tempo mais ou menos longo que as crianças permanecerem em nossas escolas.

Com o nosso braço direito mirrado, a obra de assistência médica, resta-nos o nosso braço esquerdo, a escola, que tem mostrado ser o sustentáculo da obra nesta região. Toda a nossa atenção devia dirigir-se para este importantíssimo departamento e dar-lhe o auxílio necessário.

Os nossos corações estão cheios de tristeza ao comunicarmos que a nossa escola de Mungulúni foi completamente destruída por um incêndio na tarde do dia 21 de Dezembro. Graças a Deus nenhuma vida se perdeu, embora a escola estivesse a funcionar e cheia de alunos. Mais do que nunca necessitamos agora do vosso auxílio. O inimigo procura aniquilar a nossa acção, mas das cinzas desta escola, outra se erguerá, com o auxílio de Deus, para continuar a mesma obra de iluminar as mentes e ganhar almas para Jesus. Es-tendemo-vos o nosso braço esquerdo queimado para que o sareis!

A. C. LOPES

EDUCAÇÃO DA JUVENTUDE NAS MISSÕES

Almeida Garrett consagrou ao tão importante assunto da Educação um tratado que constitui uma das mais belas jóias saídas da sua mão de artista. Embora um pouco romântico na forma literária e no modo de encarar o problema, muitas das suas páginas são dignas de ser lidas e aproveitadas hoje ainda.

«O objectivo da educação — diz-nos ele — é formar o corpo, o coração e o espírito do educando. Daqui as três divisões naturais da educação física, moral e inte-



Missionários junto do músico cristão cego

Foto A. C. Lopes

lectual. Fazem-se estas divisões para clareza da matéria e facilidade do plano educador, porque as não fez a natureza nem comporta a prática. Todas três estão ligadas, são objectos que juntos se devem obter, em que ao mesmo tempo se deve trabalhar, e que sem mútua destruição de todos não se podem separar.»

Não basta, pois, a educação física e intelectual. Um jovem com essa educação em alto grau pode estar perfeitamente apetrechado para o crime e realizá-lo com elemtnos mais perfeitos do que o ignorante...

Torna-se necessária a educação moral e religiosa, que constitui «o mais alto assunto de que podem falar os homens», no dizer do mesmo Garrett. Em primeiro lugar o conhecimento do verdadeiro Deus: «A ideia dum Deus criador, que toda a natureza nos brada e



Um centro de beneficência adventista

proclama com tantas bocas quantos são os objectos da criação, esta ideia primordial de todas as religiões, coroa e chave de toda a moral, deve o mais cedo que for possível ser inspirada à inocência; ou, mais exactamente, deve para ela ser guiado seu terno coração.»

Não se trata, porém, do simples conhecimento de Deus, como o que poderia ministrar qualquer religião; urge tornar conhecido também, e sobretudo, Jesus Cristo e Sua obra redentora: «Como homens, isto é criaturas, os nossos deveres religiosos são devidos ao Criador; como cristãos, ao Redentor. Estas duas coisas não se separam nem são separáveis.»



As missões ensinam trabalhos úteis

Eis algumas virtudes que a educação deve inculcar: «A caridade inseparável da piedade, a tolerância, parte essencial da caridade, o horror à perseguição, o amor da justiça e da verdade, um santo medo do fanatismo, uma avisada desconfiança e discreto receio da hipocrisia...»

Até aqui Almeida Garrett.

Ora é justamente esta educação das criancinhas que se impõe se quisermos transformar os povos selvagens,

Trata-se, porém, duma tarefa quase impossível de realizar em toda a sua extensão por leigos em matéria religiosa. Em Portugal fez-se há tempos uma tentativa oficial de educação do indígena à margem da religião, com as chamadas «Missões laicas», e que dentro em breve se revelaram em absoluto ineficazes. É que ao missionário laico faltava o dinamismo que se depreende da ordem de Jesus: «Ide por todo o Mundo, pregai o Evangelho a toda a criatura». Mas dado mesmo o caso



«Qual de nós é o mais crescido?»

Foto V. Chaves

por exemplo da África, em participantes da civilização. Adultos, onde profundamente radicaram hábitos de superstição e de barbárie, dificilmente abraçarão nova maneira de viver, dificilmente «nascerão de novo», a não ser por verdadeiro milagre. Por outro lado fácil se torna moldar em princípios superiores o pequenino ser que agora desabrocha e que amanhã irá possivelmente desempenhar uma função de destaque na sociedade a que pertence.



Este pretinho gosta de ajudar a sua mãezinha

Foto V. Chaves



CABO VERDE — PRAIA — Grupo de jovens

que ele tivesse o entusiasmo incoercível que impulsiona o missionário cristão, poderia como este ministrar cultura física em escolas de artes e ofícios e tratar doentes como o enfermeiro ou médico; poderia igualmente ensinar os rudimentos literários; nunca, porém, conseguiria infundir os germes de vida nova que transformassem ignorantes selvagens em bons cristãos, e por conseguinte, em bons cidadãos. É que este nas suas escolas reconhece a verdade fundamental de que a educação autêntica não é simples instrução, mas a valorização harmónica de todas as faculdades humanas, com os olhos postos em futuros cristãos e cidadãos úteis e honrados. E por isso é que a experiência tem mostrado que só pelo braço do missionário cristão, só por intermédio do cristianismo, é que o selvagem entra no seio da civilização verdadeira.

Esta educação pretendem justamente dá-la os Adventistas do Sétimo Dia, que apesar de não muito numerosos têm 6.308 professores com 197.515 alunos em 4.568 escolas espalhadas pelos diversos países de missão.

Dentre esses professores alguns têm partido de Lisboa nos últimos anos para o ultramar, com o seu diploma oficial de ensino particular nas malas e com um leal amor pela pátria nos corações, cônscios de que longe de irem realizar uma obra antinacionalista, que de tão má fé se lhes atribui por vezes, irão ensinar aos indígenas o amor de Portugal e o respeito pelas leis e autoridades do nosso País.

Torna-se necessário fundar muito mais escolas. De todas as partes nos chegam pedidos de professores. É a resposta efectiva a esses apelos que se destina a possível receita da venda desta publicação.

E. FERREIRA

CRISTO VOLTARÁ E REINARÁ

(Continuação da página 9)

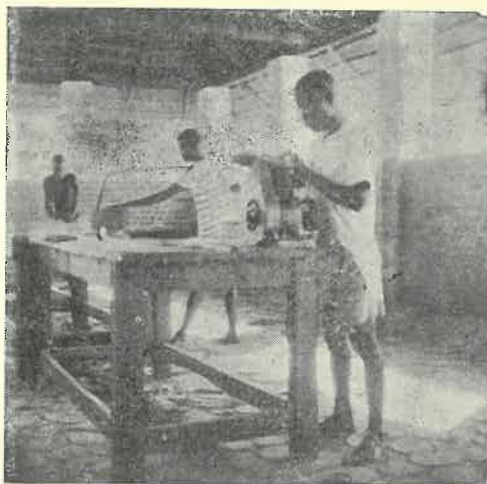
sobre os escritos dos profetas e apóstolos, e à luz das suas revelações contemplar os acontecimentos que se desenrolam no mundo físico, político, social e religioso e não ser levado a exclamar com os mesmos apóstolos: «É já a última hora!...» «Ainda um pouquinho de tempo e O que há-de vir virá e não tardará». (I S. João 1:18; Heb. 11:37).

Poderá haver salvação sem o regresso de Cristo? Segundo o declara Nosso Senhor Jesus Cristo, é inconcebível. Oíçamos as Suas palavras: «Quando o Filho do Homem vier em Sua glória e todos os santos anjos com Ele... todas as nações serão reunidas diante d'Ele ... e apartará uns dos outros, como o pastor aparta dos bodes as ovelhas ... Então dirá o Rei aos que estiverem à Sua direita: Vinde benditos de meu Pai, possuí por herança o Reino que vos está preparado desde a fundação do Mundo». (S. Mat. 25:31-34).

A garantia da salvação é dada aos que esperam a Volta de Jesus, na consoladora promessa de Cristo à Sua Igreja: «Não se turbe o vosso coração ... na casa de Meu Pai há muitas moradas ... Vou preparar-vos lugar. E se Eu for e vos preparar lugar, *Virei outra vez* e vos levarei para Mim mesmo, para que onde Eu estiver estejais vós também». (S. João 14:1-3).

Uma conclusão se impõe. Poderemos ser cristãos e, todavia, não sentir cada fibra do nosso ser espiritual estremecer de alegria ante a expectativa da iminente Volta de Jesus? Em tal caso S. Paulo considerar-nos-ia «Os mais miseráveis de todos os homens». (I Cor. 15:19).

Pode alguém sentir-se ufanado do privilégio de chamar a Deus seu Pai; a Ele se dirigir cada dia pedindo o que é mister para a vida e ainda rogar-Lhe «Venha o Vosso Reino» e, todavia, não estar atento



ANGOLA — Oficina duma missão

aos sinais tão visíveis e abundantes, da sua aproximação? Não seria antes negar a Fé que professa?

Finalmente, poderá um cristão, nos momentos mais solenes da sua vida religiosa aproximar-se da mesa da comunhão, e perante os sagrados símbolos da morte e paixão do seu Senhor e Salvador, lembrar-se das palavras «Fazei isto em memória de Mim ... Porque, vos digo, que já não beberei do fruto da vide, até que venha o Reino de Deus»; ou ainda as palavras do Seu apóstolo: «Porque todas as vezes que comerdes este pão e beberdes este cálix, anunciais a morte do Senhor até que venha», e, todavia, deixar a sua alma vazia da essência de toda a doutrina cristã, do Alfa e do Omega do plano da salvação: o Advento de Cristo?

Admites tu, prezado leitor, que possa haver um cristão que no fundo da sua alma não espere o breve Advento de Cristo, isto é, que não seja um adventista?

«Aquele que testifica estas coisas diz: Certamente cedo venho. Amém. Ora vem, Senhor Jesus!»

PEDRO BRITO RIBEIRO



Residência dum catequista nativo

Foto V. Chaves

Sedes do Movimento Adventista na Metrópole e Ultramar

CONTINENTE — Rua Joaquim Bonifácio, 17 — Lisboa.

MADEIRA — Rua da Conceição, 128 — Funchal.

ACORES — Apartado 65 — Ponta Delgada.

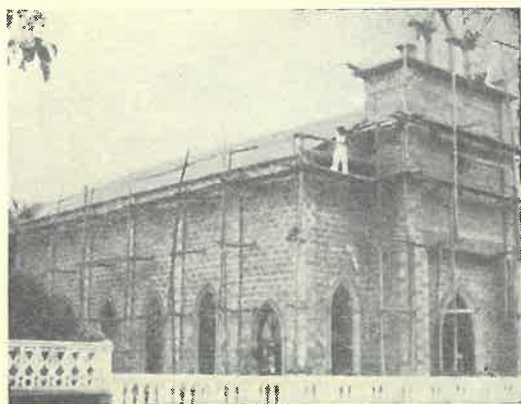
CABO VERDE — Apartado 6 — Praia.

S. TOMÉ — Caixa Postal 349 — S. Tomé.

ANGOLA — Caixa Postal, 3 — Nova Lisboa.

MOÇAMBIQUE — Mungulúni, Mocuba, Quelimane.

O semeador e a sementeira



S. TOMÉ — Igreja em construção

«Eis que o semeador saiu a semear. E, quando semeava, uma parte da semente caiu ao pé do caminho, e vieram as aves e comeram-na; e outra parte caiu em pedregais, onde não havia terra bastante, e logo nasceu, porque não tinha terra funda; mas, vindo o sol, queimou-se, e secou-se, porque não tinha raiz. E outra caiu entre espinhos, e os espinhos cresceram, e sufocaram-na. E outra caiu em boa terra, e deu fruto: um a cem, outro a sessenta e outro a trinta.

«Quem tem ouvidos para ouvir, ouça.

«E, acercando-se d'Ele os discípulos, disseram-lhe: Por que lhes falas por parábolas? Ele, respondendo, disse-lhes: Porque a vós é dado conhecer os mistérios do reino dos Céus, mas a eles não lhes é dado; porque àquele que tem se dará, e terá em abundância; mas aquele que não tem, até aquilo que tem lhe será tirado. Por isso lhes falo por parábolas; porque eles, vendo, não vêem; e, ouvindo, não ouvem nem compreendem... Mas bem-aventurados os vossos olhos porque vêem e



S. TOMÉ — Escola da missão

os vossos ouvidos porque ouvem. Porque em verdade vos digo que muitos profetas e justos desejaram ver o que vós vedes, e não o viram; e ouvir o que vós ouvis, e o não ouviram.

«Escutai vós, pois, a parábola do Semeador.

«Ouvindo alguém a palavra do reino e não a entendendo, vem o maligno, e arrebatou o que foi semeado no seu coração; este é o que foi semeado ao pé do caminho; porém o que foi semeado em pedregais é o que ouve a palavra, e logo a recebe com alegria; mas não tem raiz em si mesmo, antes é de pouca duração; e, chegada a angústia e a perseguição por causa da palavra, logo se ofende; e o que foi semeado entre espinhos é o que ouve a palavra, mas os cuidados deste Mundo, e a sedução das riquezas, sufocam a palavra e fica infrutífera; mas o que foi semeado em boa terra é o que ouve e compreende a palavra; e dá fruto, e um produz cem, outro sessenta e outro trinta.»

S. Mateus 13:1-23

CURSO BIBLICO POR CORRESPONDÊNCIA

Absolutamente gratuito, em trinta lições. Seguido em Portugal e Provincias Ultramarinas por milhares de pessoas.

Para a inscrição, basta escrever um postal à

ESCOLA RÁDIO-POSTAL

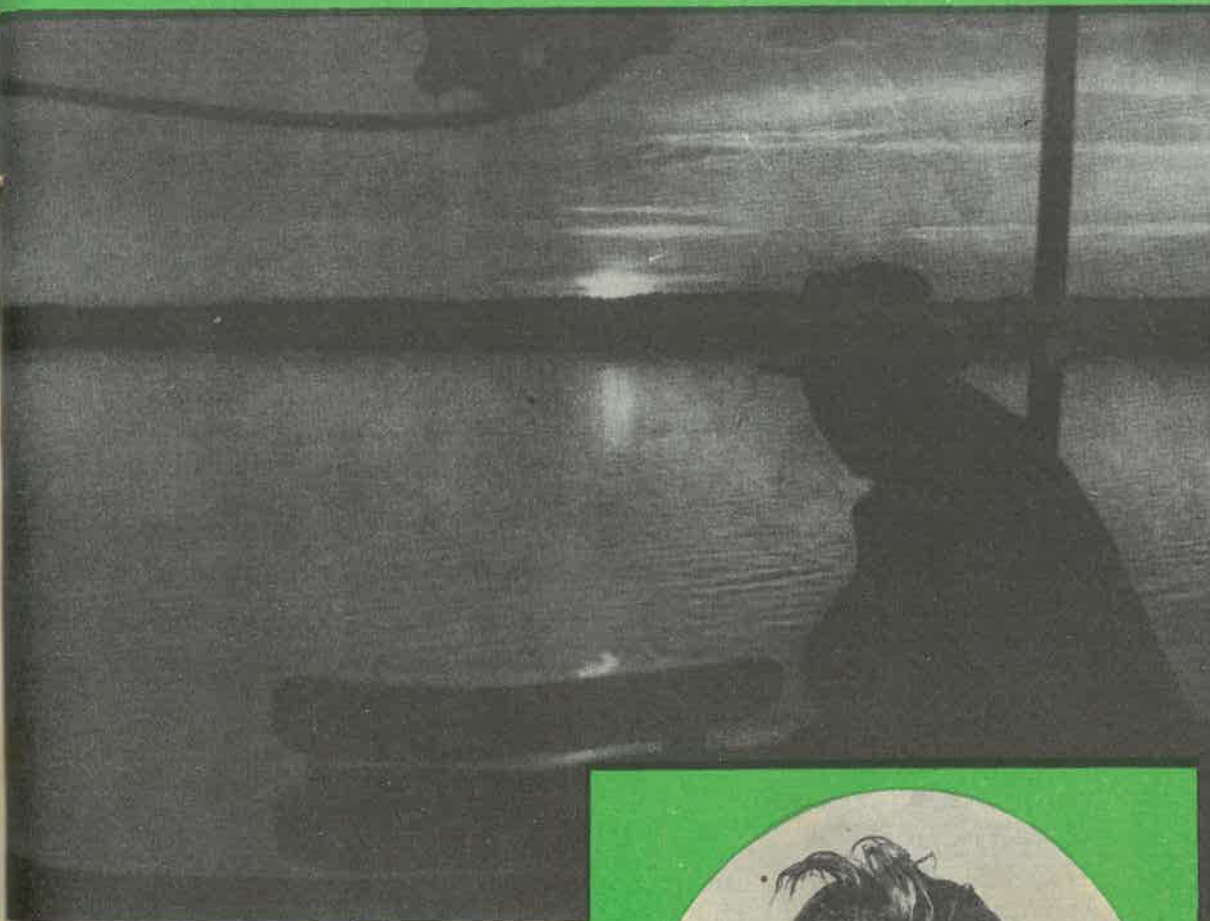
Apartado 20/30

LISBOA - N



MOÇAMBIQUE — MUNGULÚNI — Sede da missão

O Espectante Olhar...



○ pensativo adeus do adulto ao Sol poente e o tímido olhar da criança para o futuro incerto — simbolizam milhares de olhos que percorrem o horizonte. Aguardam alívio do sofrimento, a oportunidade de uma escola, um lugar para viver, um trabalho em que se ocupar, um vislumbre de Deus revelado através da bondade humana. Esses olhos convergem para nós, que somos mais privilegiados. Que fazemos para lhes levar esperança espiritual? Esses olhos voltam-se para o Deus que diz: «Amai-vos uns aos outros, assim como Eu vos amei.»

«Portanto ide e ensinai todas as nações.»

S. Mateus 28:19.



«O Reino dos Céus é semelhante ao homem
que semeia boa semente...»

S. Mateus 13:24.

